

ORGANIZADORES

REINALDO DUQUE-BRASIL
GUSTAVO TABOADA SOLDATI
FRANCISCO JOSÉ BEZERRA SOUTO
LIN CHAU MING
NELSON LEAL ALENCAR
FRANCE MARIA GONTIJO COELHO

"QUANDO PENSA QUE NÃO..."

CONTOS, CAUSOS E CRÔNICAS EM
ETNOECOLOGIA

24584
869.9
B794
2012/420



VIÇOSA/MG

EDIÇÃO DOS ORGANIZADORES

2012

PESQUISA É COISA DE PEIXE¹

Moacir Haverroth

Em quase vinte anos de estudos e trabalhos em Etnobiologia, especialmente em Etnobotânica, creio já ter algumas histórias a contar. Para o propósito ora em questão, recorri aos preciosos registros de diários de campo, uma pilha de cadernos com manuscritos que me remetem a cada instante vivido em campo. Com algumas adaptações ao texto original, o que passo a narrar abaixo é o mais fiel relato (apenas os nomes pessoais estão alterados a fim de preservar a identidade dos atores) do que, de fato, aconteceu em um momento preciso de minha primeira experiência de pesquisa de campo, no auge dos meus 25 anos de idade.

Fazia parte da pesquisa do meu mestrado² entre os Kaingang, Terra Indígena (TI) Xaçecó, para onde comecei a viajar desde 1993. O tema era o uso e Etnoclassificação de plantas, especialmente as medicinais, tendo, como referência, os diversos especialistas em cura.

Eu já estava há meses indo a campo e buscava identificar todos os especialistas em cura daquela TI. Já havia conhecido vários, entre homens e mulheres, *kujã*³ (xamã), curandores, curandeiras e outros. Entretanto, o deslocamento pela TI era limitado pelas condições de acesso e meios de transporte, além das limitações financeiras. Assim, eu andava praticamente todos os trechos à pé.

Havia, no entanto, uma curandeira de quem eu ainda só tinha ouvido falar e que morava num ponto ainda não percorrido da área. Na cara e na coragem, eu me dirigia caminhando, mochila nas costas, em direção às novidades do campo, em busca de dados que complementassem a pesquisa, o que acabava aumentando a

¹ Agradeço ao Povo Kaingang da Terra Indígena Xaçecó, com quem muito aprendi.

² Durante meu curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, contei com bolsa de estudos da CAPES.

³ *Kujã* (leia-se *kuiã*) é a palavra na língua Kaingang para se referir ao xamã (ou pajé), que tem o dom ou poder de diagnosticar, tratar e curar doenças como, também, provocar doenças e, geralmente, fazem a intermediação com o mundo 'espiritual' através de espíritos-guia animais.

complexidade do contexto a ser analisado e também me expunha a situações inusitadas e, por vezes, embaraçosas.

Naquele momento do trabalho, eu sentia necessidade de encarar coisas novas e pessoas diferentes. Era disso que eu precisava para dar um *upgrade* no meu trabalho. Então, fui dormir mais cedo naquele dia para estar disposto a me jogar na estrada o mais cedo possível. O caminho seria longo. Foi assim que, no dia 7 de dezembro de 1994, saí cedo para o Cerro Doce, o local da TI onde morava a tal curandeira ainda incógnita. Levantei às 7:30 da manhã, ainda cansado e com sono, pois só consegui dormir tarde da madrugada e sonhei o tempo todo. Sonhos esquisitos... Levantei com dor de barriga e diarreia. No caminho, tive logo que executar uma obra de emergência na capoeira. Comi só uma maçã. Logo passou.

Cheguei lá no Cerro Doce após cerca de uma hora e meia de caminhada, ou seja, lá pelas nove e meia ou quase dez horas da manhã. Passei pela casa do primo do Valdevino. Passei pela escolinha, escolinha mesmo, com uma sala de aula e outra peça, mas não havia aula pela manhã. Cheguei numa "propriedade" que fugia do padrão, casa ajeitada e grande, ranchos, aviário, cerca elétrica, máquinas... Pensei: vou perguntar por aqui mesmo. Bati palmas. Apareceu uma menininha. Chamou sua mãe, uma senhora de uns quarenta anos, talvez nem isso, branca, clara, não poderia ser uma casa de Kaingang aquela. Eu havia passado a divisa da TI. Falei com ela e a mesma indicou o caminho, disse que a curandeira é comadre sua. Então, me dirigi para lá.

No caminho, alcancei um homem relativamente novo com uma criança no colo, sua filhinha. Eles se dirigiam para lá também. Vinham da aldeia Pinhalzinho. Logo atrás, vinham sua esposa e outra mulher. Perguntou-me se não era eu quem havia ido lá na outra curandeira, do Pinhalzinho, também. "Sim, sou eu". Ele disse-me, então, que esta é mais forte que aquela.

Cheguei à casa juntamente com o homem e isso acabou contribuindo para complicar minha situação. Tião Marreta, um senhor de certa idade (ele disse ter 96 anos, mas seu irmão, que morava na aldeia Sede, me falou em 71 ou 72), marido da curandeira Dona Chica, e a própria me receberam. Ela representa ser mais nova, aparentemente, uns 45 anos. Contei dois rapazes, duas mocinhas adolescentes, duas pequenas e um menino de uns três ou quatro

anos que, no entanto, ainda é amamentado por Dona Chica, cujos peitos caídos e grandes eram jogados para fora por ela toda vez que o menino se aproximava. Ela sentava, ele mamava de pé mesmo, depois tornava a brincar.

Os movimentos de Dona Chica eram bruscos, quase grosseiros. Ela era mesmo faladeira, falava rápido e enfaticamente. Seu corpo era enorme. Boa dentadura, assim como de todos os filhos. A exceção era o velho. Praticamente, todos fumavam, bastante, fumo de corda e de carteira.

A casa possuía um puxado que servia de cozinha, de chão batido. A parte maior da casa era de assoalho de madeira, com uma divisão de paredes, longitudinalmente, separando uma espécie de sala e os quartos.

Na sala, logo se via a "mesa" (local reservado aos rituais) repleta de imagens de santos. Pude identificar diversas imagens de Nossa Senhora, de Cristo, de São Jorge, do monge São João Maria (um dos personagens centrais da época da guerra do Contestado¹) e creio que havia ainda outros, além de rosários e garrafas com remédio ou vazias. Um sincretismo e tanto.

Observei-a preparando um cozido, onde pude identificar um pé inteiro de picão-branco, o mesmo que me foi mostrado pela outra curandeira, e um tipo de capim. Acrescentou canela em pó. Fez outros tipos, mas não pude ver quais eram os ingredientes.

Como o papo começou a rolar com o homem que chegou comigo, tratado por compadre (aliás, todos eram compadres por ali, incrível!), acabei ficando sem atenção. Sentei-me e fiquei esperando por uma oportunidade de explicar minha presença ali, mas parece que eles achavam que eu havia sido trazido pelo homem ou, então, não sei o quê. Logo em seguida, chegou a mulher do cara e a outra mulher. Piorou. A conversa não sobrava para mim.

O chimarrão começou a rodar. Tomei várias cuiadas e nada. Ninguém nem perguntava nada para mim e não sobrava espaço para eu falar. Dona Chica ficava trabalhando com a louça, conversando

¹ A Guerra do Contestado foi um conflito armado entre a população cabocla/nativa e os representantes do poder estadual e federal brasileiro, travado entre outubro de 1912 e agosto de 1916, numa região rica em erva-mate e madeira que era disputada pelos estados brasileiros do Paraná e de Santa Catarina. Tal embate foi agravado pelo messianismo surgido a partir de vários monges.

com as mulheres e longe de onde eu estava. O velho só contando estórias. Eu só ouvia.

Dali a pouco, Dona Chica foi para o quarto e logo saiu em um vestido branco e comprido. Estava já "incorporada". O homem e as mulheres foram para a sala a fim de receber os trabalhos dela. Então, fiquei com o velho. Fui logo falando com ele, o qual, como bom proseador, me ouviu e começamos a conversar. Ele falava muito e eu mais ouvia do que falava. Fiquei a observar o trabalho da curandeira e ouvindo o velho. A curandeira senta numa cadeira perto da mesa e apoia o corpo sobre ela. Fica segurando dois rosários brancos, enquanto ouve as queixas e fala para as pessoas que atende. Dá explicações sobre remédios e, depois, se posiciona atrás das pessoas, "benze-as" pondo a mão direita sobre a cabeça do paciente e segurando os rosários com a mesma mão. Fica, por alguns segundos, assim em cada paciente.

Quando acabou com eles, chamou por quem mais quisesse, certamente se referindo a mim, mas não tive certeza de nada e, como conversava com o velho, permaneci onde estava. Ela insistiu. O velho foi até lá e trocaram alguma conversa. Não sei o que se falaram. Ela foi para o quarto e logo retornou no traje simples e sujo de antes.

Nisso, chegou outro rapaz. Um rapaz estranho de nome Arilódio. Mora perto do Posto, na aldeia Sede. Depois, chegou um velho de nome João Anastácio. As mocinhas prepararam o almoço que foi posto na outra mesa da sala. Servimo-nos e comemos. Arroz, feijão, um pouco de batatinha ensopada, cebola, mortadela e pão. Voltamos para a cozinha. Logo, chegou mais um homem de meia idade, quase preto e desdentado, coisa comum. Outras mulheres chegaram e ficaram com Dona Chica na sala.

Os homens conversavam sobre muitas coisas, principalmente sobre caça e plantação. Eu tentava acompanhar os causos e piadas do velho, ao mesmo tempo em que esperava por uma brecha para falar com Dona Chica. Rolou muita conversa, até que alguns dos homens se levantaram e foram para fora. Então, vi que era o momento, apesar de parecer muito estranho eu levantar de onde estava e ir até a sala, cheia de mulheres, para falar com Dona Chica. Pedi para conversar com ela.

Ela, de cabeça baixa e carrancuda, sentada no banco, respondeu: "pode falar moço". Expliquei-lhe brevemente o meu caso,

afinal, ela já devia ter ouvido eu explicar alguma coisa do que fazia para os homens na cozinha. Todas aquelas mulheres me olhavam como se eu fosse de outro mundo, e, de fato, era de outro mundo naquele momento. Ela, então, me respondeu que não poderia fazer nada sem falar com quem manda nela, que ela trabalha incorporada, que, se ela me dissesse qualquer coisa, poderia estar prejudicando a ela mesma. Eu fui só ouvindo, respondendo com monossílabos confirmativos, afinal, eu já ouvira algo semelhante antes, e tentava lhe explicar melhor o que eu queria, que eu aceitaria o que fosse possível, que iria até onde pudesse ir. Ela chegou a dizer que pesquisa, para ela, “era coisa de peixe e ela não era peixe”. Então, respondi que eu não era pescador, era estudante, e que poderia vir outro dia. Ela repetia que, de qualquer maneira, teria que falar com sua guia. Perguntei-lhe se iria fazer trabalho naquele dia ainda. Não respondeu. Levantou-se, segundos após, e foi para o quarto.

Do quarto, chamou uma das mocinhas e mandou chamar o velho, o qual era um tipo de auxiliar na comunicação entre a “incorporada” e os atendidos. Senti que iria começar o trabalho. Acho que eu provocara o adiantamento, naquele momento, do episódio. Conforme eu esperava, ela voltou já com o vestido branco e com cara alterada, apesar de sua voz não mudar, ou mudar pouco, em contraposição às outras duas curandeiras que eu já conhecera. Fez alguns sinais para o velho, que lhe respondia com sinal de cabeça afirmativamente. Sentou-se na cadeira e pediu cigarro, bastante cigarro, para o velho. Ela disse que havia pedido para Dona Chica comprar, demonstrando que não era a própria que falava, mas outra entidade.

Então, chamou primeiro o homem quase preto. Ouviu-o e falou para ele, citou remédios, informou-lhe quando viria seu dinheiro (perto do natal) e mandou que o homem ficasse do lado aguardando. Mandou me chamar, o velho sempre assessorando. Eu me dirigi para frente da “mesa” e expliquei para ela o que estava querendo. Na verdade, para mim, aquilo já era algo etnográfico. Qualquer que fosse a resposta, eu já estava fazendo algo interessante. Aí, começou a falação dela e eu me surpreendi como ela sabia por onde eu havia andado. Ou ela sabia mesmo por si, o que seria algo interessantíssimo, ou, de acordo com minha cabeça cética, as notícias corriam rápidas o bastante para ela saber a meu respeito ali.

Ela me falou que poderia me ensinar muito sobre os remédios, mas eu havia ido procurar aquelas outras antes. Isso complicava as coisas. Eu deveria ter ido procurá-la logo no início, mas eu preferi procurar a outra (referia-se, certamente, a uma curandeira da aldeia Sede). Disse-me que, nesse caso, fica difícil. Aquela uma, à qual eu havia ido, na aldeia Pinhalzinho, aquela sim, não havia problema, porque elas se combinam, mas a outra, não sabia o porquê, mas não se dava com ela. Falou que aquela só curava seis tipos de doença, enquanto ela mesma curava 63 tipos (!) de doença; que é preciso conhecer cada tipo e saber o remédio e as misturas certas para cada um. Nisso, o velho e as outras mulheres confirmaram. O velho sempre complementava o diálogo e, quando a curandeira indagou sobre "como eu poderia querer saber se eu não conhecia as plantas, se eu morava na cidade...", então o velho disse que, só com o nome, não acharia o remédio (planta). Eu respondi que também vivi na roça, que pretendia trabalhar com educação indígena e, para isso, precisava conhecer. Então, ela falou que eu poderia sair dali com um monte de receitas naquele dia mesmo se eu tivesse falado antes, pela manhã, mas eu havia ficado quieto.

Expliquei-lhe que, quanto a não tê-la procurado antes, era porque eu não sabia dela, que fiquei sabendo depois. Então, ela falou que, se misturar o remédio dela com o de outra curandeira, pode até matar. Enfim, ficamos um bocado de tempo naquela conversa tensa. Eu informei que poderia esperar até janeiro e ela respondeu que o "dono da mesa" não estava ali e ela teria que pegar ordem dele e que, depois do dia 10 de janeiro, ela poderia falar. Então, após algum tempo, ficou por isso.

Em seguida, ao atender o João Anastácio, foi lhe explicar o seu remédio, "já que não era para pesquisa, poderia ensinar para ele". Eu fiquei ali atrás só olhando e ouvindo. Benzeu todos os que chegaram ali, inclusive uma criança, o que me chamou a atenção, pois a outra curandeira não benzia crianças "porque elas não têm pecado". Falou, já ao final, que, no sábado, voltaria (novamente denotando ser a entidade que falava e não a curandeira em si) ali na casa e deixaria dez receitas, referindo-se ao meu caso, embora dissesse para o velho que, até 10 de janeiro, tiraria uma férias (!) e, depois desse dia, começaria outra vez.

Voltaram para a cozinha e, ainda por um tempo, eu fiquei por ali, ouvindo o papo dos homens. Falavam de brigas, de mortes e, depois, de remédios, principalmente para picada de cobra. Porém, uma das "mentiras" contadas pelo velho foi a de que ele perdeu o seu cachimbo no Rio Chapecozinho¹ enquanto pescava. O rio estava raso quando foi pescar. Sentou-se sobre uma pedra no meio do leito. Começou a chover e ele saiu rápido, esquecendo-se do cachimbo e o avio² (isqueiro). O rio encheu e, após oito dias, ele foi procurar o cachimbo. Pois não é que o encontrou, bem pertinho de onde o havia deixado, quando viu a fumaça do cachimbo subindo. O cachimbo não havia se apagado e o avio continuava ali do lado!!!!

Enfim, foi mais um dia de trabalho de campo e mais uma experiência. Valeu a pena, apesar do trabalho que deu e dos inconvenientes que tive de enfrentar. Em janeiro de 1995, lá estava eu novamente na TI Xapecó e... na casa da curandeira de Cerro Doce...

¹ Afluente do Rio Chapecó, um dos principais da Região Oeste de Santa Catarina, e que demarca a divisa da Terra Indígena Xapecó em um dos seus limites.

² Avio é um termo comumente utilizado, há um tempo e ainda hoje, no interior de algumas regiões de Santa Catarina, para se referir a um pequeno instrumento metálico usado para produzir fogo, no qual se utilizam pequenas pedras de sílex que, em atrito com o metal do acendedor, produz centelhas e acende um pavio, produzindo a chama para, no caso, acender cigarros. Por extensão, os mais antigos ainda aplicam o termo para os modernos isqueiros a gás.